
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

HOMENS E MASCULINIDADES: MODOS DE SER, MODOS DE REPRESENTAR

Luiz Carlos Santos Simon¹ (UEL)
e Fábio Figueiredo Camargo² (UFU)

Para respaldar sua ideia acerca da pluralidade dos modos de ser homem, um recente estudioso de masculinidades, JJ Bola recorre a números. Segundo o educador congolês radicado em Londres, uma vez que “vivemos em um mundo com mais de sete bilhões de pessoas, e que metade desta população é do sexo masculino, é impossível que exista somente uma única maneira de ser homem” (Bola 2020: 108). Embora se assente sobre situação óbvia e concreta, o argumento contribui para justificar um lugar para o estudo das masculinidades, sua permanência e seus desdobramentos. Antes de Bola, outros pesquisadores das experiências masculinas, mesmo sem invocar princípios matemáticos, enfatizaram a necessidade de identificar a multiplicidade nos perfis dos homens. R. W. Connell, por exemplo, ressaltou, em seu clássico livro *Masculinities*, ainda à espera de tradução para o Brasil, os cuidados em torno dessas interpretações: “Reconhecer mais de um tipo de masculinidade é apenas o primeiro passo. Nós temos que examinar as relações entre esses tipos” (Connell 2005: 76). A autora entende que, assim como há diferenças nas circunstâncias vividas pelos homens – de classe social e de raça –, é preciso verificar como se processam tais vivências plurais em contato com grupos influenciados por outras naturezas. Afinal, esses grupos não são estanques, não estão restritos a uma bolha; haverá os momentos de contato, em que as particularidades de cada grupo estarão lado a lado.

Essa condição plural do terreno dos estudos das masculinidades – que os cerca e, ao mesmo tempo, os impulsiona – precisa ser considerada no cruzamento com duas situações: o estudo das masculinidades é um dos estudos de gênero; e seu caráter multidisciplinar é uma marca inequívoca. Como se trata de um dos estudos de gêne-

¹ csimon@uel.br - <http://lattes.cnpq.br/3267001752380888>

² fabiocamargo@ufu.br - <http://lattes.cnpq.br/1607535412134196>

ro, cabe compreender que é um perfil múltiplo de homem que pode se manifestar nas interações com outras pessoas. Não se trata, portanto, de focalizar apenas um modelo heteronormativo de homem nem de acompanhar práticas que sejam regidas somente por essa heteronormatividade ou que os valores da masculinidade hegemônica sejam aceitos e adotados sem qualquer problematização. Independentemente da época focalizada, existem sempre as chances de se manter alguma distância de relacionamentos padronizados em termos de gênero. A noção de pluralidade deve orientar ainda as circunstâncias com que se caracterizam tais relacionamentos: quem contracenava com esse homem e seus valores pode ser uma mulher mais ou menos submissa, um homem que não empunha a bandeira da masculinidade hegemônica ou pessoas adeptas de uma orientação sexual que desafia abertamente os valores mais convencionais. Aliás, o próprio foco pode ser dirigido para essas atuações identificadas com um perfil menos previsível. Nesse plano, merecem destaque os gays e os estudos a eles dedicados. É aí que se expressa muitas vezes a resistência aos rigores com que se pretende resguardar os pressupostos mais tradicionais das masculinidades.

Assim, a condição multidisciplinar pode ser mais bem compreendida. Os interesses de historiadores, sociólogos, antropólogos, psicanalistas, psicólogos, educadores convergem quando o tema central é o homem ou as masculinidades. E se misturam também. Nesse sentido, torna-se inviável descartar as contribuições dos mais variados campos de conhecimento. É fundamental se despir de purismos e trabalhar para tirar proveito das possibilidades de conexão, de articulação entre as análises disponíveis. A variedade de objetos de estudo – ambientalistas, empresários, clientes de prostitutas, apenados, padres, praticantes de lutas marciais, entre muitos outros – e de perspectivas permite abordagens abertas e o estabelecimento de diálogos que serão construtivos também para os estudos literários. Ler as reflexões desenvolvidas com instrumentais particulares e em outras áreas do saber pode despertar nossa atenção para os traços com que se desenham os homens e para os modos com que circulam as masculinidades. Essa face da pluralidade nos leva mais uma vez a reavaliar a questão dos contextos, o que, em termos de Brasil e de sua literatura, assume importante significação.

A discussão sobre a variedade dos contextos brasileiros tem pontos de contato com a noção, que tem até ares de chavão, de que nosso país tem dimensões continentais. De fato, tanto no tempo quanto no espaço, podem ser localizadas marcas muito diferentes entre si que, por sua vez, podem nos conduzir a interpretações e conclusões também desencontradas ou dissonantes. Essas ideias, com certeza, valem para a apreciação da literatura produzida no Brasil e para a investigação de como as masculinidades nela se manifestam. As variações entre textos de diferentes regiões ou de épocas distintas podem nos direcionar para quadros com muito poucos pontos em comum. Nesse caso, são os olhares múltiplos, para múltiplas realizações, que nos ajudam a lembrar de tantas peculiaridades que podemos ter negligenciado em nosso percurso de intérpretes e analistas. São esses olhares que nos socorrem para evitarmos enganos, precipitações e generalizações. Este dossiê é uma tentativa de contornar tais perigos.

Com origens, interesses e trajetórias acadêmicas diversas, os pesquisadores aqui reunidos empreendem uma releitura de material relevante que integra a produção literária brasileira. Antes de apresentar cada artigo em passagens um pouco mais minuciosas, vale a ressalva de que outros períodos admitem contemplações e estudos em iniciativas futuras. O século XIX e o Romantismo em verso e prosa são possíveis objetos, muito ricos quanto à observação e ao exame detalhado das masculinidades. As produções modernistas e aquelas que as antecederam podem também receber leituras atentas e pormenorizadas, uma vez que já expõem representações de homens e experiências masculinas sob perspectivas mais críticas. No conjunto dos interesses dos pesquisadores, destacam-se ainda as expressões da literatura brasileira contemporânea. Estas correspondem a um apelo constituído por um grupo de textos que colocam em evidência os impasses, as crises e os conflitos protagonizados pelos homens hoje. É natural que os estudiosos se sensibilizem com as realizações dos autores e que se sintam desafiados ao exercício de enfrentá-las por intermédio de correlações com contribuições teóricas e propostas interpretativas da cena igualmente contemporânea.

No artigo “Gregório de Matos e a masculinidade do sujeito ressentido”, as autoras Nismária Alves David e Jane Adriana Gandra concentram-se na figura do sujeito lírico masculino diante de uma meretriz no poema satírico “Antonia”. Estabelecendo diálogos com autores representativos do debate sobre masculinidades, como Pierre Bourdieu e R. W. Connell, e com referências prestigiadas da produção poética e da historiografia literária brasileira, como Octavio Paz, Antonio Candido e Alfredo Bosi, o artigo traz a ideia do ressentimento para associá-lo com a construção do retrato das masculinidades proporcionado pelo poeta. É um retrato que não se esgota na esfera afetiva, mas se estende para a identificação do lugar do homem na vida social e pública. Firma-se, dessa maneira, uma possibilidade de leitura e de interpretação das práticas masculinas que remonta às origens de nossas manifestações literárias.

Em “Sexualidades ‘invertidas’ e transgressoras: *Bom-Crioulo* e o determinismo no naturalismo brasileiro”, Erica Schlude Wels e Aline de Freitas Germano conferem destaque às avaliações historiográficas produzidas sobre o romance de Adolfo Caminha e ao papel desempenhado pela sexualidade para a projeção da obra. A revisão historiográfica inclui material relevante de diferentes épocas, como Sílvio Romero, Lúcia Miguel-Pereira, Nelson Werneck Sodré, Massaud Moisés e Antonio Candido, além de revisitar conexões com romances naturalistas europeus e de valorizar iniciativas de pesquisas mais recentes a respeito de *Bom-Crioulo*. No enfoque da sexualidade, as autoras recorrem a pensadores como Freud, Foucault e Bataille para a fundamentação da análise de questões como inversão e transgressão nesse romance que cada vez mais se consolida como referência para interpretar o homoerotismo no Brasil.

João Guimarães Rosa é, independentemente da abordagem a ser escolhida, um autor inesgotável para os estudos literários. Aqui esse grande nome das nossas letras aparece como objeto das análises de Marcos Aparecido Pereira e Epaminondas de Matos Magalhães no artigo “Representações da masculinidade plural em narrativas de *Primeiras estórias*”. Os autores elegem contos como “Famigerado”, “A benfaze-

ja”, “Os irmãos Dagobé”, “Luas-de-mel” e “Substância” do livro de 1962 para a interpretação do questionamento da masculinidade ali manifesta. Brutalidade e afeto são alguns dos pontos detectados na construção de personagens desses contos e em suas sexualidades constituindo o centro das preocupações de teor psicanalítico do estudo. Os autores promovem, assim, a oportunidade de rever um clássico de nossa literatura sob a perspectiva bastante atual das masculinidades.

Paulo Roberto Sodré, em “Frescos, fanchonos e frescalhões em *Cantáridas e outros poemas fesceninos*”, se detém sobre sonetos de Paulo Vellozo, escritor que viveu no Espírito Santo no século XX, até sua morte na década de 1970. O livro, escrito em coautoria com outros poetas capixabas, nos anos 1930, só veio a ser publicado após a morte de Vellozo, em 1985. O artigo, que representa um exercício de retomada de autor pouco estudado, privilegia o tema da sodomia, com uma abordagem que destoava dos padrões mais cientificistas e moralistas da época. Com essa finalidade, sobressai a realização de pesquisa bastante criteriosa e detalhada de um número farto de fontes que contextualizam a circulação dos poemas. Deve-se mencionar ainda o destaque atribuído a estudiosos como James Green e João Silvério Trevisan, referências muito úteis para se pensar a homossexualidade no Brasil.

No artigo “Masculinidades em *Internato*, de Paulo Hecker Filho”, Fábio Figueiredo Camargo se debruça sobre uma novela publicada em 1951 pelo autor gaúcho, que teve grande produção também para o teatro no século XX. O artigo apresenta interessantes correlações com outros estudiosos das masculinidades, da homossexualidade masculina e da teoria *queer*, como Badinter, Connell e Sullivan, além de alusões à fortuna crítica sobre o autor e sobre o texto selecionado. Fortuna crítica atravessada pelo incômodo. O tema em foco, a descoberta da sexualidade e do desejo homossexual na adolescência, constitui aspecto relevante para o artigo. Assim como no trabalho sobre os poemas de Paulo Vellozo, esse direcionamento para a produção de autor pouco estudado significa não só a divulgação de escritores que colocam no centro de seus textos a questão homossexual ainda em meados do século XX, mas também a oportunidade de ter contato com materiais literários e práticas de análise cercados por ousadias e polêmicas.

No artigo “Maria Quitéria/Soldado Medeiros: o soldado que (não) era”, Hélder Thiago Cordeiro Maia demonstra, a partir da análise de vários romances e biografias da personagem histórica, o quanto a masculinidade ou a transição de gênero de Maria Quitéria/soldado Medeiros não foi levada em consideração por esses textos, sendo sempre tratado como um disfarce. Esse estratagema, segundo Maia, se deve ao fato de os autores estarem muitas vezes mais preocupados com o contexto histórico e pedagógico do que propriamente em entender os afetos da figura emblemática. Nesse sentido, há muito que se produzir em pesquisas sobre a questão de renovar os olhares para esse passado histórico brasileiro no que tange aos estudos de gênero e da masculinidade, e o artigo contribui justamente para a produção de um novo olhar sobre a temática.

Em “Signos de masculinidade em *Os prisioneiros*, de Rubem Fonseca”, Nelson Eliezer Ferreira Júnior analisa os signos da masculinidade em quatro contos da primeira

coletânea de contos publicada por Rubem Fonseca. Autor emblemático da literatura denominada brutalista no Brasil, Fonseca se aperfeiçoou na criação de personagens masculinos que ficaram marcados nas mentes de seus leitores. Neste artigo, o autor demonstra, a partir de algumas características das masculinidades, como a virilidade sexual, a força física, o descontrole, a agressividade, o refinamento, o comando, o autocontrole, a coragem e a intelectualidade, como a masculinidade se dá por performatizações de atos que são constantemente exibidos pelos personagens, o que os faria prisioneiros dentro da ordem viril. O artigo demonstra que a masculinidade seria uma couraça construída pelos homens, que não se sustentaria para além dos contextos de combate e conflito nos quais os personagens encontram-se imersos.

No artigo “Tabu e amor: a afetividade masculina em “Viagem de núpcias” de Rubem Fonseca”, Rafael Magno de Paula Costa apresenta a ideia de masculinidade a partir da teorização de como os homens se organizam em suas relações sexuais tendo em vista os clichês que garantem ao masculino seu reconhecimento em sociedade, a partir de tabus organizados. Assim, o conto de Rubem Fonseca é analisado de modo a perceber como a masculinidade é impedidora da felicidade dos casais, bem como dos homens que se utilizam da virilidade e de seus artifícios para se guiarem em suas vidas.

Em “Viril ou não viril; eis a questão num conto de Marcelo Mirisola”, de Claudicélio Rodrigues da Silva e Ilca Andréa Barroso de Carvalho, os autores percebem em um conto de Marcelo Mirisola a performance do personagem masculino como uma virilidade perversa capaz de violentar as mulheres com as quais ele se relaciona, mas também capaz de impedir sua experiência diante da vida, o que implicaria na existência de uma masculinidade inventada. Fazendo uso das teorias sobre a virilidade, o patriarcado e a violência, o artigo aproveita-se dessas relações conceituais para descrever como se dá a representação do personagem cis-hétero na narrativa de Mirisola. O artigo conclui que homens como o personagem do conto são inseguros de sua virilidade, os quais Marcelo Mirisola, por um viés satírico, ridiculariza.

Luiz Carlos Santos Simon, em “Lições de masculinidade nos contos de José Rezende jr.”, analisa autor pouco estudado, José Rezende Jr., a partir de referenciais teóricos de R. W. Connell, J.J. Bola, Nolasco e Baubérot. Partindo de duas questões conectadas à masculinidade como a violência sexual e as práticas conjugais em um relacionamento heterossexual, o autor demonstra como a educação, não apenas aquela formal, mas aquela produzida nas relações sociais para além da escola, é produtora de modos de se pensar as relações entre homens e mulheres e responsável pela falta de empatia dos sujeitos masculinos para com suas parceiras. Ao analisar dois personagens masculinos e suas vicissitudes o autor demonstra haver possibilidades de novos arranjos para as masculinidades desde que haja uma reeducação dos mesmos.

Em “Uma metáfora do masculino: paternidade e luto em *Crocodilo*, de Javier A. Contreras”, Claudimar Pereira Silva e Jorge Vicente Valentim elaboram uma análise das representações da paternidade e do luto no romance *Crocodilo*. Para tanto eles se movimentam entre os referenciais teóricos de Freud, Nolasco, Kovacs, Butler e Simon para demonstrar como a paternidade é um dos pilares da masculinidade, mes-

mo quando, a partir do ponto de vista do personagem do romance, não se tenha essa consciência. No caso do romance, foi preciso o filho se suicidar para que o personagem se desse conta de sua paternidade. Nesse sentido os autores chegam à conclusão da importância que o conceito de masculinidades tem para a produção de pesquisas em literatura brasileira.

Acreditamos que os artigos aqui contidos possam ser importantes contribuições para os estudos das masculinidades na literatura brasileira e esperamos que os leitores apreciem a leitura.